



RELATÓRIO ESPECIAL

# Os protestos chegaram para ficar: Mudança social e mobilização popular na América Latina

Madri, outubro 2013

**d+i** LLORENTE & CUENCA

1. INTRODUÇÃO
2. CARACTERÍSTICAS COMUNS DOS MOVIMENTOS DE PROTESTO
3. CONCLUSÕES

LLORENTE & CUENCA

## 1. INTRODUÇÃO

Em 2006 e em 2011, o Chile saltou às primeiras páginas dos jornais de todo o mundo por causa dos protestos estudantis que puseram em sérios apuros tanto governos de centro-esquerda, como o que era liderado por Michelle Bachelet (2006-2010), como de centro-direita, como o de Sebastián Piñera (2010-2014).

Em 2012, os painéis povoaram as ruas de Buenos Aires, e em 2013 foi a vez do Brasil de Dilma Rousseff. Em plena realização da Copa das Confederações de futebol, evento-teste para a Copa do Mundo de 2014, o país se viu envolvido em uma onda de protestos nas principais cidades. E quando ainda estava na retina de todos o ocorrido em São Paulo, Rio de Janeiro ou Brasília, as ruas de Lima também se encheram de manifestantes que protestavam contra o governo de Ollanta Humala.

A pergunta que surge perante estes fatos é se a América Latina está entrando em uma época marcada pela efervescência dos movimentos de protestos urbanos e de reivindicação social. Em outros países como Uruguai e Costa Rica, houve fenômenos similares, e no México e na Colômbia existe a presunção de que em breve ocorrerão dinâmicas parecidas.

O certo é que estes protestos sociais ocorridas em Brasil, Chile e Peru reúnem uma série de características muito especiais e inéditas na região. Aconteceram em um triplo contexto de:

- Crescimento econômico (e não de crise, como em outros momentos da história destes países ou na atual conjuntura na Europa),
- De mudança social (emergência de heterogêneas classes médias urbanas) e
- Ocorreram em uma conjuntura de clara insatisfação pelo ineficiente funcionamento do Estado, das administrações públicas e de deslegitimação dos partidos e da classe política.

Neste relatório serão caracterizados estes movimentos de protesto, serão estudadas as dinâmicas locais em cada país e realizado um trabalho de prospectiva: para onde vão e qual pode ser sua incidência a curto prazo.

**“Historicamente, estas ondas de protestos surgiam em momentos de crise e tensões políticas e socioeconômicas acumuladas”**

## 2. CARACTERÍSTICAS COMUNS DOS MOVIMENTOS DE PROTESTO

Os protagonistas destes movimentos que se estenderam pela América Latina são as novas classes emergentes, especialmente classes médias urbanas e camadas mais jovens da população. Não existe, pelo menos à primeira vista, uma clara liderança. Trata-se de movimentos pragmáticos, que buscam melhorias concretas e não utopias políticas, embora exista a presença de grupos de claro corte radical ou de extrema-esquerda (como o Partido Comunista nas mobilizações estudantis do Chile). Além disso, e como não podia deixar de ser, as novas redes sociais (como o Facebook e o Twitter) cumprem um papel determinante em seu nascimento e desenvolvimento, e seguramente em sua manutenção ao longo do tempo.

Todos estes movimentos reúnem, portanto, três características comuns que resumem que a dinâmica econômica da região desde 2003 produziu uma mudança social que teve sérias e diretas repercussões políticas:

### Se dão em conjunturas de estabilidade econômica

A primeira característica de todos estes movimentos representa uma novidade na história, um fenômeno inédito. Têm lugar em uma conjuntura de estabilidade econômica e até de relativa bonança com crescimento econômico acima dos 4%.

Este mesmo crescimento contínuo e constante do PIB na região explica muitas das mudanças sociais que se produziram, como a redução da pobreza e da desigualdade e o aumento significativo das classes médias, que guardam relação com as atuais mobilizações.

Historicamente, estas ondas de protestos surgiam em momentos de crise e tensões políticas e socioeconômicas acumuladas. Assim, por exemplo, as mais recentes manifestações são as que tiveram lugar entre fins dos anos 90 e início da década seguinte e que aconteceram em governos como o de Raúl Cubas (1999) no Paraguai, Fernando de la Rúa (2001) na Argentina, Gonzalo Sánchez de Lozada (2003) na Bolívia ou Lúcio Gutiérrez (2005) no Equador. Todos estes governos caíram após maciços protestos cidadãos (os então chamados “golpes de rua” –grandes mobilizações de

Fonte: Cepal

CRESCIMENTO DA ECONOMIA NA AMÉRICA LATINA				
País	2010	2011	2012	2013*
Argentina	9,2	8,9	1,9	3,5
Bolívia	4,1	5,2	5,2	5,5
Brasil	6,9	2,7	0,9	2,5
Chile	5,8	5,9	5,6	4,6
Colômbia	4,0	6,6	4,0	4,0
Costa Rica	5,0	4,4	5,1	3,0
Cuba	2,4	2,8	3,0	3,0
Equador	2,8	7,4	5,0	3,8
El Salvador	1,4	2,0	1,6	2,0
Guatemala	2,9	4,2	3,0	3,0
Haiti	-5,4	5,6	2,8	3,5
Honduras	3,7	3,7	3,3	3,0
México	5,3	3,9	3,9	2,8
Nicarágua	3,6	5,4	5,2	5,0
Panamá	7,5	10,8	10,7	7,5
Paraguai	13,1	4,3	-1,2	12,5
Peru	8,8	6,9	6,3	5,9
República Dominicana	7,8	4,5	3,9	3,0
Uruguai	8,9	6,5	3,9	3,8
Venezuela	-1,5	4,2	5,6	1,0
Subtotal de América Latina	5,7	4,4	3,0	3,0

**“A raiz para entender o atual mal-estar social não parte da economia, como ocorreu nos anos 80 ou entre 1997 e 2003, mas sob um viés político e social”**

protestos que provocaram a queda desses governos—) e aconteceram na chamada Meia Década Perdida, entre 1997 e 2002, na qual podem ser mencionadas as quedas dos governos no Equador de Abdalá Bucaram, em 1997, e Jamil Mahuad, em 2000.

Atualmente, no entanto, os países latino-americanos exibem números de crescimento econômico não só elevados, mas consolidados desde 2003, exceção a 2009, tendo a região superado a crise mundial sem mais dificuldades.

Deste modo, a raiz para entender o atual mal-estar social não parte da economia, como ocorreu nos anos 80 ou entre 1997 e 2003, mas sob

um viés político e social, embora os efeitos do crescimento econômico tenham sido uma variável muito importante para desencadear esse tipo de transformações.

**Protagonizadas por classes médias emergentes**

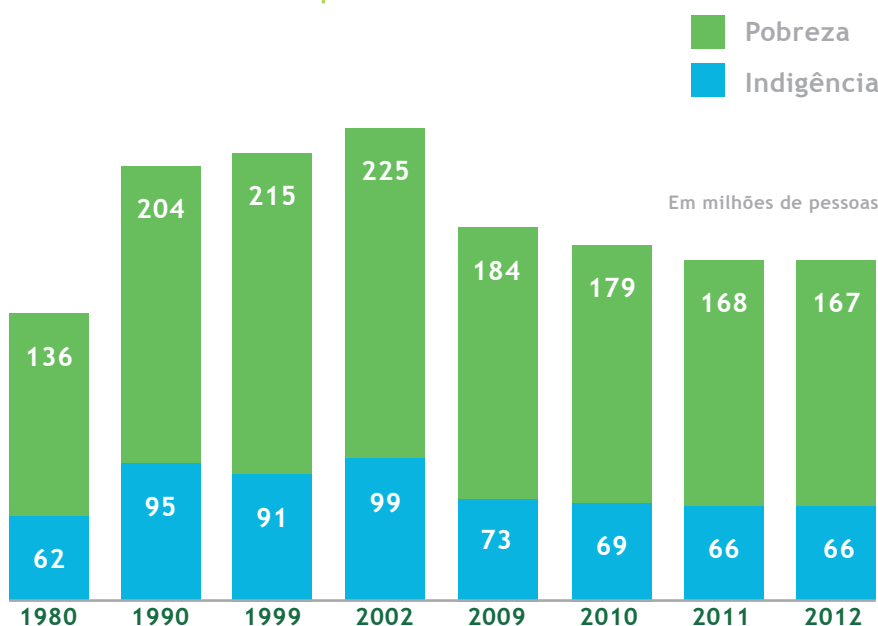
Trata-se, como se pôde ver até agora, de mobilizações protagonizadas fundamentalmente pelas classes médias urbanas emergentes e as já consolidadas na América Latina.

Estes dez anos de crescimento elevado e contínuo na região, acompanhado de políticas sociais, especialmente as transferências de renda condicionadas, tiveram como resultado uma significativa diminuição da pobreza (de 225 a 167 milhões de pessoas entre 2002 e 2012) e da indigência (de 99 a 66 milhões).

Segundo dados do Banco Mundial, “o Produto Interno Bruto (PIB) per capita do continente aumentou a um ritmo médio de 2,2% anual entre 2000 e 2010. Em seis países (entre eles Argentina, República Dominicana, Panamá e Peru), as taxas de crescimento anuais acima dos 3% per capita foram conquistadas seguidamente durante este período - combinação de crescimento econômico sustentado (um resultado que pode ser considerado espetacular) e a diminuição da desigualdade promoveram uma queda considerável nos números de pobreza absoluta. A incidência da pobreza moderada na América Latina diminuiu dos 44,4% em 2000 para 28% em 2010, apesar da crise financeira global nos dois últimos

**A POBREZA EM AMÉRICA LATINA**

A pobreza segue à baixa na região mas ainda afeta a 167 milhões de pessoas



Fontes: Cepal e AFP

**“O Banco Mundial faz um retrato-falado das classes médias latino-americanas como ‘urbana, com melhores níveis educacionais, a maioria empregada do setor privado e com crenças e opiniões que, em termos gerais, coincidem com as da parcela da população mais pobres e com menos educação formal’”**

anos da década (Banco Mundial, 2011). Esta diminuição da pobreza implica que havia 50 milhões de latino-americanos a menos vivendo pobreza em 2010 em relação há 10 anos. Na comparação com 2003, a diminuição em números absolutos é ainda maior: 75 milhões”.

75 milhões de pessoas que saíram da pobreza para engrossar as diferentes camadas de umas classes médias (heterogêneas e muito diversificadas), que cresceram e aumentaram nestes mesmos anos.

Como assinala o Banco Mundial: “após décadas de estagnação, a população de classe média na América Latina e no Caribe aumentou 50%, passando de 103 milhões de pessoas em 2003 para 152 milhões (ou 30% da população do continente) em 2009. Durante este período, à medida que a renda das famílias crescia e a desigualdade tendia a diminuir na maioria dos países, a porcentagem da população pobre diminuiu notavelmente, de 44% para 30%. Em consequência, atualmente as porcentagens da população de classe média e de pobres na América Latina estão iguais. Esta situação contrasta com a que prevaleceu (durante um longo período) até pouco menos de uma década, quando o percentual de pobres equivalia a aproximadamente 2,5 vezes o da classe média”.

Os estudantes do Chile que protestaram maciçamente em 2011, os pannels em Buenos Aires em 2012 e os protestos contra o aumento da tarifa do transporte público no Brasil em 2013, têm diferenças notáveis e também paralelis-

mos muito próximos. Em todas as manifestações, essa heterogênea classe média urbana que estamos descrevendo está muito presente. O exemplo brasileiro é significativo neste sentido. Em torno de trinta e cinco milhões de brasileiros saíram da pobreza desde 2003. Enquanto na década de 1990 cerca de 25% da população brasileira vivia na pobreza extrema, esse número se reduziu a 2,2% em 2009.

Mas, o que se entende por classe média?

Não existe unanimidade no mundo acadêmico na definição do que é a classe média, pois as definições da sociologia (um estilo de vida), da psicologia e da economia (renda determinada que abrange uma variação que vai de US\$ 10 a US\$ 50 dólares ao dia per capita) nem sempre são coincidentes. O Banco Mundial faz um retrato-falado das classes médias latino-americanas como “urbana, com melhores níveis educacionais, a maioria empregada do setor privado e com crenças e opiniões que, em termos gerais, coincidem com as da parcela da população mais pobres e com menos educação formal”.

Este segmento de população é agora o protagonista da economia regional por sua capacidade de consumo e, para muitos analistas, seu fortalecimento é a maior mudança social na história da região desde as migrações campo-cidade dos anos 50 e 60. Mas se trata de uma classe média muito heterogênea como é possível perceber no seguinte quadro. Inclui setores que estão no meio do caminho entre a pobreza e a classe média

**“O Banco Mundial alerta sobre o crescente mal-estar das classes médias devido a ‘cada vez mais, se pedir às classes médias que paguem por serviços proporcionados a outras parcelas da população gratuitamente’”**

(renda entre US\$ 4 e US\$ 10 ao dia) e dentro da própria classe média a variação de renda é muito ampla entre renda baixa (US\$ 10 ao dia) e muito altos, quase roçando a parte de baixo da elite (US\$ 50 ao dia).

Esse redesenho contribuiu para que se conformem sociedades mais modernas, mas também mais complexas. É algo sobre o qual o secretário-geral da Segib, Enrique Iglesias, alerta já há algum tempo: “Vamos ter uma nova sociedade de classes médias. Já estamos vendo. Sociedades de classes médias que são difíceis de governar. Têm lampejos que obrigam a uma mudança de fazer política; são sociedades médias que demandam novos serviços, que demandam novas formas de participação, que demandam boa qualidade de serviços; como é o caso da educação”.

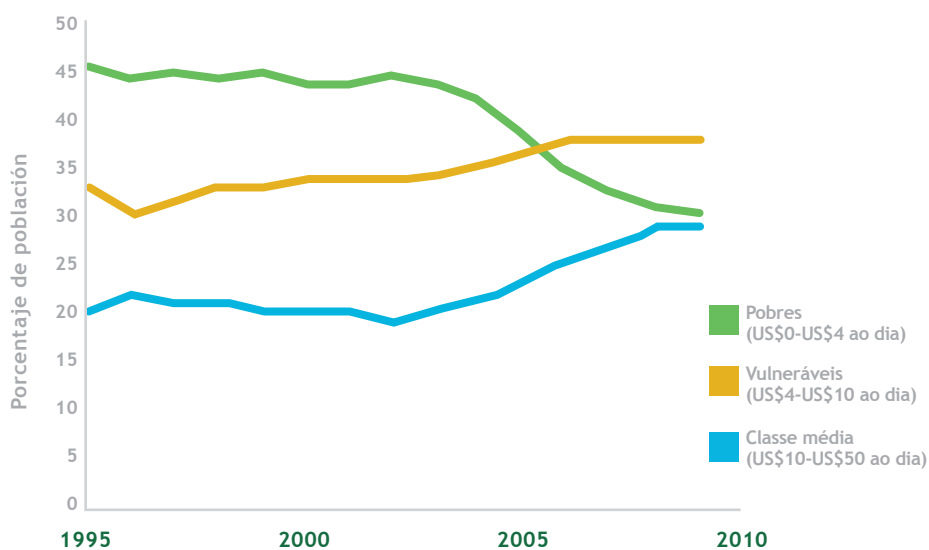
Essa complexidade ressaltada por Iglesias se deve em parte as classes médias se sentirem à margem de um sistema que historicamente não os leva em conta nem dá solução para suas reivindicações mais urgentes. E como assinala o relatório do Banco Mundial, os governos estão incorrendo em um duplo déficit a respeito das demandas das classes médias:

Não incorporam “o objetivo de igualdade de oportunidades mais explicitamente nas políticas públicas. Isto é fundamental para assegurar que as classes médias sintam que vivem em uma sociedade onde se esforçar vale à pena e os méritos são recompensados em lugar de uma sociedade que tende a favorecer os grupos privilegiados”.

O Banco Mundial alerta sobre o crescente mal-estar das classes médias devido a “cada vez mais, se pedir às classes médias que paguem por serviços proporcionados a outras parcelas da população gratuitamente. Pode ser que um sistema de proteção social dual, baseado em ajudas seletivas aos pobres e em seguros (subvencionados) para as classes médias também esteja mal adaptado para uma grande população vulnerável que não é nem pobre nem classe média e cuja vulnerabilidade aumentará se o entorno externo se mostrar menos propício que no passado”.

O Banco Mundial também revela como as políticas públicas não foram capazes até o momento de acabar com “o círculo vicioso dos impostos baixos e a má qualidade

### TENDÊNCIAS NAS CLASSES MÉDIAS, VULNERABILIDADE E POBREZA EM AMÉRICA LATINA E O CARAÍBAS, 1995-2009



Fonte: Banco Mundial



**“O grande paradoxo destes protestos reside, portanto, em que ocorrem em países bem-sucedidos economicamente e cujas sociedades se modernizaram”**

*dos serviços públicos que leva às classes médias e altas a optar por se desvincularem”.*

### **Crescimento da insatisfação popular política**

O grande paradoxo destes protestos reside, portanto, em que ocorrem em países bem-sucedidos economicamente e cujas sociedades se modernizaram (ampliaram as classes médias e reduziram a pobreza e até a desigualdade).

“A prosperidade —diz o analista e escritor Moisés Naím— não compra estabilidade. A principal surpresa destes protestos populares é que ocorrem em países economicamente bem-sucedidos. O Brasil não só tirou milhões de pessoas da pobreza, mas inclusive alcançou a façanha de diminuir sua desigualdade. Todos eles têm hoje uma classe média mais numerosa do que nunca”.

Essas mudanças econômicas e sociais não estão sendo canalizadas pelo sistema político que não foi capaz de se adaptar às novas circunstâncias, pois atua com as mesmas formas e maneiras que adotou nos anos 80, quando a democracia retornou à região. Um Estado que se encontra cada vez mais afastado dessas classes médias. O Banco Mundial conclui que “as classes médias não se prestarão nem contribuirão para um contrato social melhorado se os bens que têm em tal alta estima (como a proteção dos direitos civis, a educação, a polícia e os serviços de saúde) são fornecidos deficientemente pelo Estado e se não percebem que os ricos contribuem de maneira justa para o contrato social”.

Isso explica as grandes mostras de descontentamento que ocorreram em Chile, Brasil ou Peru, pois todos estes setores sociais emergentes levaram às ruas seu mal-estar por não poderem canalizá-lo através do sistema político. Moisés Naím destacou os paralelismos entre todos estes movimentos e a raiz política que lhes une: começam com pequenos incidentes que vão crescendo, os governos reagem inadequadamente (entre a repressão, a desqualificação ou, simplesmente, ignorando estes protestos) o que termina alimentando ainda mais o mal-estar de setores sociais que não contam com líderes claros.

Portanto, o sistema político não está se mostrando à altura do desafio que representam as exigências dessas classes médias que encarnam, em si mesmas, uma mudança social, mas também política, como ressaltava o secretário-geral da Segib, Enrique Iglesias: “Uma classe média que está dominando o mundo, praticamente. Os números são variados, mas se fala muito rapidamente que 50% dos países da América Latina são de classe média. Isso é um fenômeno importante que é preciso ser administrado politicamente, e administrá-lo politicamente implica uma futura forma de fazer política”.

Os sistemas políticos resultaram não ser eficientes (não dão solução nem respostas às reivindicações sociais de melhores serviços públicos), nem incitam o apoio popular. Várias são as razões:

- **Um Estado ineficiente diante de uma revolução de expectativas**

**“Na realidade, o que enfrentam estes governos é uma revolução de expectativas que até agora não souberam como canalizar nem articular”**

Na realidade, o que enfrentam estes governos é uma revolução de expectativas que até agora não souberam como canalizar nem articular: os setores emergentes passaram para uma nova etapa, querem e demandam, sobretudo mais e melhores serviços públicos.

Nas palavras de Naím: “Nas sociedades que experimentam transformações rápidas, a demanda por serviços públicos cresce em velocidade maior que a capacidade dos governos para satisfazê-la. Esta é a brecha que leva o povo à rua e protestar contra o governo. E que encoraja outros protestos muito justificáveis, como o custo proibitivo da educação superior no Chile ou a impunidade dos corruptos no Brasil”.

A tradução desta revolução de expectativas não canalizadas e o consequente mal-estar foia queda significativa nos índices de apoio a determinados líderes e inclusive em derrotas eleitorais por eles não serem capazes de dar uma resposta política a reivindicações sociais.

Alguns exemplos que valem a pena ser citados:

» Sebastián Piñera no Chile teve ao longo de todo seu mandato números de aceitação popular muito baixos: foi eleito no segundo turno com 51,6%, mas nestes anos de for-

tes protestos estudantis a aprovação, segundo a pesquisa Adimark, chegou a estar abaixo dos 30%, apesar de recentemente ter chegado a 37/39%.

- » Na Argentina, Cristina Kirchner, reeleita em 2011 no primeiro turno com 54,1%, acaba de ver como sua força política ser internamente derrotada nos principais distritos e ficar com 25% dos votos, menos da metade do que obteve a dois anos, antes da onda de panelaços de 2012.
- » Dilma Rousseff, que possuía uma aprovação de 58% em março, viu o apoio a si e ao governo cair 20 pontos depois dos protestos de junho, que coincidiram com a Copa das Confederações, para depois subir para 38%, segundo pesquisa do Datafolha em setembro.
- » O peruano Ollanta Humala enfrentou os protestos em Lima justo quando sua popularidade diminuía como se via em uma pesquisa do instituto Ipsos, caindo de 54% em fevereiro para 33% em julho.

Que pedem essas classes médias à classe política? Melhores serviços públicos e um sistema político menos corrupto e menos clientelista. Contar com melhores serviços públicos (educação, saúde, transpor-



**“Essas classes médias, desorganizadas politicamente na maioria das ocasiões, têm uma importante incidência política, pois suas exigências tensionam Estados que não costumam estar preparados para dar respostas de forma rápida”**

te e segurança) se traduz em melhora da capacidade aquisitiva, pois não é necessário desviar tantos recursos para ter um seguro médico privado, educação privada ou investir em segurança privada.

Seguindo as reflexões de Michael Shifter, presidente da Inter-American Dialogue, todo esse mal-estar “é um produto do progresso econômico e social e a expansão da classe média em países como Brasil, México, Chile e Colômbia. Muitos jovens das classes médias na América Latina (estudantes no Chile e no Brasil, professores no Uruguai) estão desiludidos com a política tradicional, já a direita e a esquerda exigem que os governos, que agora têm mais recursos, apresentem serviços de maior qualidade e além disso estão cansados da corrupção e das prioridades equivocadas dos gastos públicos”.

Essa insatisfação pelos deficientes serviços públicos, e às vezes —como no Brasil— com a forte pressão fiscal explica uma parte importante do que ocorreu na América Latina. Efetivamente, essas classes médias, desorganizadas politicamente na maioria das ocasiões, têm uma importante incidência política, pois suas exigências tensionam Estados que não costumam estar preparados para dar respostas de forma rápida.

Como assinala Ludolfo Paramio, professor do CSIC, “o caráter aspiracional próprio das

classes médias, velhas e novas, conduz a uma ampliação de suas demandas para o Estado. As classes médias consolidadas podem seguir buscando o ensino ou a saúde privada, mas as novas classes médias precisam de melhores e mais acessíveis sistemas públicos para poder consolidar seu status. Por outro lado, as classes médias perdedoras na globalização também se veriam beneficiadas por uma melhora geral dos sistemas públicos”. de los sistemas públicos”.

Esta reflexão coincide com os dados que do Barômetro das Américas, que assinala, por exemplo, que “na última década, os brasileiros aparecem entre os cidadãos mais insatisfeitos da América Latina a respeito dos serviços sociais prestados pelo governo. Grande parte desta situação se deve provavelmente aos altos impostos que pagam os cidadãos, ao redor de 36% do PIB, e à percepção que os cidadãos estão pagando níveis de impostos de países ricos em troca de serviços equivalentes aos dos países pobres”.

Entre os dez países mais insatisfeitos se encontram, além do Brasil (o terceiro), Chile (o quarto) e Peru (o sexto), duas nações que viveram esse tipo de protestos sociais. No caso dos protestos no Chile em 2006 e em 2011-12, centrados na educação, em como reconstruir o sistema universitário e financiar a educação superior. Nas palavras de Mi-

**“O sistema perde legitimidade diante dos cidadãos, que vê como o Estado não é capaz de brindá-los com segurança física, jurídica nem serviços públicos adequados”**

chael Read, editor da revista *“Economist”*, especializado em América Latina: “Em todos os casos são expressões descontentes de cidadãos menos pobres, menos preocupados, pelo menos agora, neste momento, com a situação econômica e muito mais exigentes quanto o que querem do Estado e do sistema político. Embora as reivindicações pontuais sejam diferentes, têm isso em comum”.

- **Perda de legitimidade do sistema**

Uma revolução das expectativas não correspondidas adequadamente tem uma tradução política direta: o sistema perde legitimidade diante dos cidadãos, que vê como o Estado não é capaz de brindá-los com segurança física, jurídica nem serviços públicos adequados, e às vezes como no caso da Venezuela e Argentina, nem sequer controlar a inflação. Como assinala também o Barômetro das Américas, “em 2012, cerca de 65% dos brasileiros percebiam que o sistema político era corrupto e (o Brasil) ocupou o 22º posto entre os 26 países nas Américas no 2012 em matéria de apoio às instituições políticas nacionais”.

Essas duas dinâmicas, insatisfação com as políticas públicas dos governos e pouco apego às instituições, estiveram presentes nos protestos dos últimos anos na região.

O Chile deu o tiro de largada nos protestos com a “revolução pingüim” em 2006-07, o mal-estar pelo mau funcionamento do Transantiago depois e nesta década pelos protestos universitários em 2011 que tanta dor de cabeça deu a Sebastián Piñera.

Havia por trás de tudo isso uma “revolução de expectativas” não cumpridas pelo Estado diante de classes médias emergentes. “Parte deste problema é causado pelo êxito da Concertação: em 20 anos ampliou muito o acesso à educação. O ensino médio se tornou universal e cresceu a educação universitária. Mas com um sistema de créditos com taxas de 10% ao ano, o problema explodiu, e aconteceu agora porque os estudantes estão terminando de cursar a universidade. Em 1990, um de cada cinco chilenos em idade universitária tinha esse nível de educação; hoje é um em dois”, comenta Patricio Navia, professor da Universidade Diego Portales.

O sucesso econômico que não garante a tranquilidade nem a satisfação social, mas confirma a mudança experimentada pelo Chile. Como refletiu o economista e intelectual Sebastián Edwards no diário *La Tercera* “Chile é um país apanhado. Apanhado por um mal-estar que não termina, por uma desconfiança profunda com os políticos e as instituições, por uma melancolia persistente”. “A política anda

**“Assim como no Chile, o crescimento econômico é ironicamente a fonte dos atuais problemas no Brasil”**

mal”, diz o homem da rua. “Há uma crise institucional”, repetem as mulheres nos supermercados. “O modelo neoliberal fracassou”, gritam os estudantes nas manifestações.

E acrescenta: “As famílias chilenas se orgulham do que cada uma delas alcançou durante o último quarto de século: de sua ascensão à classe média, do título universitário de uma de suas filhas, das férias sonhadas, da bolsa de estudos que ganhou o sobrinho. No Chile atual convivem a satisfação pessoal e o mal-estar social. Para muitos é um contra-senso, mas é assim”.

Já na Argentina, em 2001 durante o famoso “que se vão todos”, se viveu um primeiro capítulo dessa “rebelião de classe média”. Agora, voltou a reaparecer nos painéis de 2012 e 2013 contra o governo de Cristina Kirchner.

A analista e historiadora Beatriz Sarlo concordava com este diagnóstico quando sublinhava que “os manifestantes, que vinham desse vasto setor com muitas diferenças que são as camadas médias (que começam, recordemos, com salários de 5000 ou 6000 pesos), não protestavam somente porque não podiam comprar dólares. Levavam outras palavras de ordem e transformar todas elas em um pretexto de que era a vontade de ter divisas a preço oficial implica em desprezá-las totalmente. É a versão simétrica a dos que afir-

mam que quem acompanhou as manifestações kirchneristas foram “pelo plano e pelo choripan” (sanduíche de rua tradicional na Argentina).

No Brasil, os protestos de junho não foram protagonizados pelas camadas menos favorecidas da sociedade, mas pela classe média, que agora reivindica que o Estado seja eficiente e lute contra a corrupção.

Os tempos do famoso “rouba, mas faz”, que nos anos 50 tiveram no poder figuras como Adhemar de Barros, prefeito e governador de São Paulo, parecem ter ficado para trás. Para o jornalista correspondente do *El País* no Brasil, Juan Arias, “a nova classe média exige agora serviços públicos de Primeiro Mundo como educação, transportes e hospitais, além de políticos menos corruptos e que desperdiçam menos recursos”.

Assim como no Chile, o crescimento econômico é ironicamente a fonte dos atuais problemas no Brasil. Como explica Michael Read, “o interessante dos protestos recentes é que refletem o êxito dos 15 últimos anos, o desenvolvimento socioeconômico que deu emprego a grande parte dos brasileiros. Os salários reais subiram, até este ano, e o poder aquisitivo aumentou. Mas há uma discrepância entre o tamanho do Estado e a qualidade dos serviços prestados por ele.

**“Há um purgatório estreito, mas muito povoado entre esses dois estados, caracterizado por uma vulnerabilidade considerável e um alto risco de voltar a cair na pobreza”**

A carga tributária no Brasil equivale a 36% do PIB, proporção que é elevada para o tamanho do país. Mesmo assim, o nível e a qualidade dos serviços públicos são muito baixos. Na educação, mas sobretudo na saúde e no transporte. Além disso, há muito dinheiro público que é esbanjado e desperdiçado, isso explica a raiva da população e a necessidade de mudanças”.

Em resumo, em cada um destes países as dinâmicas internas diferentes e as gerais coincidentes resultaram nestas explosões. Olhando a situação de uma forma mais global, é preciso destacar que a razão, como disse Carlos Malamud, pesquisador do Real Instituto Elcano, está no fato de que “no resto da América Latina uma parte dessas classes médias não recebe os subsídios destinados aos mais pobres e quer uma fatia do bolo, além de também não estar disposta a esperar o amanhã próspero para receber o que merece”. Portanto, a pergunta de “o que há de meu” percorre a região de ponta a ponta”.

Efetivamente, isso é assim porque as políticas públicas chegaram aos setores menos favorecidos, mas de forma decrescente às classes médias vulneráveis com renda “entre US\$ 4 e US\$ 10 por pessoa ao dia, cuja situação financeira é cômoda demais para serem consideradas pobres, mas insustentável demais para serem con-

sideradas classe média. Claro, que esse não é um grupo pequeno: compreende 37,6% da população do continente. Sair da pobreza, segundo a maioria dos países e os organismos internacionais, não é suficiente para ingressar na classe média aparentemente confortável e economicamente segura. Há um purgatório estreito, mas muito povoado entre esses dois estados, caracterizado por uma vulnerabilidade considerável e um alto risco de voltar a cair na pobreza. Como grupo, é provável que sejam cruciais para o desenvolvimento das políticas sociais do continente, para a dinâmica política e o contrato social em termos amplos”.

### 3. CONCLUSÕES

A curto e médio prazo se pode concluir que as mobilizações sociais das heterogêneas classes médias latino-americanas chegaram para ficar, por dois motivos fundamentais:

- Primeiro porque, como se pôde ver, as políticas públicas dos governos da região não são capazes de responder às novas demandas colocadas (melhores serviços públicos) por estes segmentos da população.
- E em segundo lugar, porque a região se encaminha para uma conjuntura econômica menos propícia de desaceleração, arrefecimento e até de crise em alguns casos. Este contexto

**“A responsabilidade recairá fundamentalmente sobre os ombros dos dirigentes políticos e das instituições democráticas da região, que enfrentam o desafio de repensar seu contrato social”**

desfavorável, ou pelo menos não tão positivo, já é admitido pelos próprios governos. O caso do Peru é bastante emblemático, pois o ministro da Economia, Luis Miguel Castela, confessou que “O Peru tem fortalezas, mas tem que cumprir com urgência tarefas internas para transitar em um cenário que é pouco favorável”.

Como aponta o Banco Mundial, “durante a maior parte dos anos 2000, a melhora das políticas na América Latina permitiu a muitos países aproveitar um ambiente exterior benigno para iniciar uma impressionante transição para uma sociedade de classe média. Isto criou grandes expectativas, que correm o risco de se transformar em frustração se esta transição for interrompida. No entanto, a região não pode contar que o ambiente externo seguirá sendo tão propício como no passado recente para alcançar mais lucros sociais e econômicos. Portanto, se requereria um esforço muito maior no desenho das políticas para consolidar e aprofundar o processo da mobilidade ascendente e torná-lo mais resistente às potenciais perturbações adversas. No final, a responsabilidade recairá fundamentalmente sobre os ombros dos dirigentes políticos e das instituições democráticas da região, que enfrentam o desafio de repensar seu contrato social”.

Com o mundo sob crescimento econômico (UE em recessão, EUA em frágil crescimento e China com redução de cerca de dois pontos no PIB), as exportações cairão e,

portanto, a renda do Estado também, o que diminuirá a margem de manobra das políticas públicas e a possibilidade de estendê-las a as classes médias. Classes médias que vão crescer mais lentamente nesta década e que vão ser ainda mais vulneráveis devido aos menores índices de crescimento.

Três características vão se acrescentar a estes movimentos de protestos nos próximos tempos: vão se estender geograficamente e terão claramente um caráter descontínuo.

- Não só vão persistir as mobilizações, mas tudo indica que vão se estender a outros países como México, Colômbia e Venezuela.

“É um produto do progresso econômico e social e da expansão à classe média em países como Brasil, México, Chile e Colômbia”, diz Michael Shifter, presidente do “Diálogo Interamericano”, que acrescenta que “o descontentamento no Brasil que surpreendentemente veio a tona virou tendência em toda a região”.

- Além disso, vão ser, na realidade já são, movimentos caracterizados por ascensões e quedas cíclicas. Muito marcados e ativos em épocas concretas, simbólicas e pontuais (Copa das Confederações, visita do papa ou Copa do Mundo de futebol) seguidas de épocas onde grupos radicais talvez se apropriem do movimento, algo que já está acontecendo no Brasil.

**“A curto prazo, a possibilidade de que surja um arremedo do Movimento Cinco Estrelas italiano, de linha antissistema, não parece viável”**

Os setores moderados de classe média, coluna vertebral das mobilizações, passaram a segundo plano diante do avanço e monopólio dos grupos mais radicais e violentos. Como assinalou Moisés Naím: “Seguramente, nestes países os protestos vão amainar. Mas isso não quer dizer que suas causas vão desaparecer”.

- Quando estes movimentos se institucionalizarem, com o nascimento de partidos ou forças que encarnam sua mensagem e propósitos, tudo indica que, pelo menos a curto prazo, velhos partidos e coalizões (como a chilena Nova Maioria —herdeira da Concertação— liderada por Michelle Bachelet), políticos em decadência (como Sergio Massa na Argentina) e reconhecidamente de oposição, como Marina Silva no Brasil, vão ser capazes de canalizar o descontentamento. A curto prazo, a possibilidade de que surja um arremedo do Movimento Cinco Estrelas italiano, de linha antissistema, não parece viável.

Isso começa a se perceber, por exemplo, na Argentina, onde o voto da classe média e da classe média emergente é canalizado através do voto útil para candidaturas como as de Sergio Massa (ex-ministro do kirchnerismo, peronista, e agora de oposição a Cristina Kirchner).

Os resultados nas internas realizadas em 11 de agosto indicam

isso. Um relatório do jornal “La Nación” mostra como “o kirchnerismo perdeu votos em todos os centros urbanos do país, onde a queda em comparação com as eleições de 2011 foi de 24%, em média. Este dado, central para compreender a ampla derrota do governo, mostra especialmente a virada da classe média. Segundo os analistas, a má performance do kirchnerismo nos centros urbanos revela o impacto que a inflação, a insegurança e a corrupção tiveram. O mapa inclui grandes cidades nas quais um revés da FPV se dava por certo, Mendoza, Córdoba, Rosário e Santa Fé, mas também em capitais provinciais que registraram derrotas inesperadas como Catamarca, La Pampa, San Juan e Corrientes”.

Como disse a socióloga Liliana de Riz, “na rua eclodiram fúrias combinadas que não foram escutadas e terminaram sentidas no voto. “A classe média perdeu a confiança na capacidade do governo de sustentar os níveis atuais de gastos e bem-estar, que, sem políticas de longo prazo, eram sustentáveis só no relato oficial”, assegura o acadêmico Levy Yeyati.

Da mesma forma, no Chile, o voto dos descontentes vai se canalizar nas eleições presidenciais deste ano, de forma majoritária, rumo à antiga Concertación, agora Nova Maioria, liderada por Michelle Bachelet, enquanto o voto de protesto, menos apegado às tendências tradicionais, será minoritário e estará focado em dois candidatos independentes, Franco Parisi e Marco Enri-



**“Está nascendo uma nova América Latina no contexto social e as mobilizações mostram essas dores de parto de uma sociedade mais moderna, heterogênea e complexa, autônoma e com capacidade de crítica”**

quez-Ominami, que rondarão os 5% de votos cada um.

O mesmo pode acontecer no Brasil, onde o PT, com Dilma Rousseff, e o PSDB, com Aécio Neves, devem dominar os acontecimentos eleitorais em 2014. No caso de haver novidades, estas viriam de um aumento no respaldo à candidata verde Marina Silva, a terceira mais votada em 2010, ou ao socialista moderado Eduardo Campos, até agora aliado de Lula e de Dilma, como governador de Pernambuco.

O cenário pode ser semelhante em outros pontos da região: no México as mobilizações certamente serão numerosas, mas dentro de um contexto determinado, o das mobilizações da esquerda (a liderada pela esquerda radical de Andrés Manuel López Obrador e a mais moderada do PRD) contra a reforma energética que promove o presidente Enrique Peña Nieto e que procura a chegada de capital privado para a Pemex.

Na Venezuela os protestos cidadãos contra a inflação, o desabastecimento e a insegurança (fenômenos que afetam especialmente os setores populares e as classes médias) estarão inevitavelmente misturados a um contexto político de alta polarização (chavismo versus antichavismo), às eleições locais de 8 de dezembro e à emergência de uma oposição unificada e mais forte em torno de Henrique Capriles, enquanto o regime enfrenta uma difícil transição entre a liderança carismática de Hugo Chávez e um

perfil muito mais discreto de Nicolás Maduro.

Na Colômbia, o processo eleitoral de maio, as negociações de Havana com a guerrilha das Farc e a crise pela qual atravessam os diferentes movimentos e partidos da esquerda vão manter contido o processo de mobilizações que atualmente está mais relacionado com problemas sindicais (mineiros ilegais, cafeicultores e caminhoneiros) que com as reivindicações das novas classes médias.

Em outros países (Equador e Bolívia, entre eles), a possibilidade que estes movimentos se estruturarem no curto prazo parece distante. A liderança carismática de Rafael Correa e de Evo Morales e a ausência de forças de oposição política e sindical de alcance nacional dificultam o processo. Só no caso equatoriano a decisão do governo de explorar o petróleo da zona Yasuní ITT pode propiciar a existência de uma referência mobilizadora para jovens, ecologistas e indígenas para opor-se à ideia extrativista do Executivo de Correa.

Está nascendo uma nova América Latina no contexto social e as mobilizações mostram essas dores de parto de uma sociedade mais moderna, heterogênea e complexa, autônoma e com capacidade de crítica. O desafio do Estado e do sistema político será dar resposta e canalizar essas reivindicações apostando em seguir ampliando a cobertura e melhorando a qualidade dos serviços públicos.

# LLORENTE & CUENCA

CONSULTORES DE COMUNICAÇÃO

## Consultoria de Comunicação líder na Espanha, Portugal e na América Latina

A LLORENTE & CUENCA é a primeira consultoria de Comunicação da Espanha, Portugal e América Latina. Conta com **quinze sócios** e **300 profissionais** que prestam serviços de consultoria estratégica a empresas de todos os setores de atividades, com operações voltadas para o mundo que fala **espanhol e português**.

Atualmente, possui escritórios próprios na **Argentina, Brasil, Colômbia, China, Equador, Espanha, México, Panamá, Peru, Portugal e República Dominicana**. Além disso, através de empresas afiliadas, oferece seus serviços nos **Estados Unidos, Chile, Bolívia, Uruguai e Venezuela**

Sua presença internacional ter levado LLORENTE & CUENCA a posiciona-se em 2011 e 2010 entre uma das cinquenta companhias de comunicação mais importantes do mundo, segundo o Ranking anual elaborado por The Holmes Report. Em 2013, ocupa a colocação 51 do Ranking, ascendendo uma colocação em comparação a 2012.

## Organização

### DIREÇÃO CORPORATIVA

José Antonio Llorente  
Sócio Fundador e Presidente  
jalorente@llorenteycuenca.com

Enrique González  
Sócio e CFO  
egonzalez@llorenteycuenca.com

Jorge Cachinero  
Diretor Corporativo de Reputação e Inovação  
jcachinero@llorenteycuenca.com

### IBÉRIA

Arturo Pinedo  
Sócio e Diretor Geral  
apinedo@llorenteycuenca.com

Adolfo Corujo  
Sócio e Diretor Geral  
acorujo@llorenteycuenca.com

### Madrid

Joan Navarro  
Sócio e Vice-presidente de Assuntos Públicos  
jnavarro@llorenteycuenca.com

Amalio Moratalla  
Sócio e Diretor Sênior  
amoratalla@llorenteycuenca.com

Juan Castellero  
Diretor Financeiro  
jcastillero@llorenteycuenca.com

Lagasca, 88 – planta 3  
28001 Madrid (Espanha)  
Tel: +34 91 563 77 22

### Barcelona

María Cura  
Sócia e Diretora-Geral  
mcura@llorenteycuenca.com

Muntaner, 240-242, 1º-1ª  
08021 Barcelona (Espanha)  
Tel: +34 93 217 22 17

### Lisboa

Madalena Martins  
Sócia  
madalena.martins@imago.pt

Carlos Matos  
Sócio  
carlos.matos@imago.pt

Rua do Fetal, 18  
2714-504 S. Pedro de Sintra (Portugal)  
Tel: +351 21 923 97 00

### AMÉRICA LATINA

Alejandro Romero  
Sócio e CEO da América Latina  
aromero@llorenteycuenca.com

José Luis Di Girolamo  
Sócio e CFO da América Latina  
jldgirolamo@llorenteycuenca.com

Antonio Lois  
Diretor Regional de Recursos Humanos  
alois@llorenteycuenca.com

### Bogotá

María Esteve  
Diretora Geral  
mesteve@llorenteycuenca.com

Germán Jaramillo  
Presidente Conselheiro  
gjaramillo@llorenteycuenca.com

Carrera 14, # 94-44. Torre B – of. 501  
Bogotá (Colômbia)  
Tel: +57 1 7438000

### Buenos Aires

Pablo Abiad  
Diretor Geral  
pabiad@llorenteycuenca.com

Enrique Morad  
Presidente Conselheiro para o Cone Sul  
emorad@llorenteycuenca.com

Av. Corrientes 222, piso 8. C1043AAP  
Ciudad de Buenos Aires (Argentina)  
Tel: +54 11 5556 0700

### Lima

Luisa García  
Sócia e CEO da região Andina  
lgarcia@llorenteycuenca.com

Cayetana Aljovín  
Gerente Geral  
caljovin@llorenteycuenca.com

Av. Andrés Reyes 420, piso 7  
San Isidro - Lima (Peru)  
Tel: +51 1 2229491

### México

Alejandro Romero  
Sócio e CEO da América Latina  
aromero@llorenteycuenca.com

Juan Rivera  
Sócio e Diretor Geral  
jrivera@llorenteycuenca.com

Bosque de Radiatas # 22 – PH7  
05120 Bosques de las Lomas (México)  
Tel: +52 55 52571084

### Panamá

Javier Rosado  
Sócio e Diretor Geral  
jrosado@llorenteycuenca.com

Avda. Samuel Lewis. Edificio Omega, piso 6  
Tel: +507 206 5200

### Quito

Catherine Buelvas  
Diretora Geral  
cbuelvas@llorenteycuenca.com

Av. 12 de Octubre 1830 y Cordero.  
Edificio World Trade Center, Torre B, piso 11  
Distrito Metropolitano de Quito (Equador)  
Tel: +593 2 2565820

### Rio de Janeiro

Juan Carlos Gozzer  
Diretor Executivo  
jcgozzer@llorenteycuenca.com

Rua da Assembleia, 10 – sala 1801  
Rio de Janeiro - RJ (Brasil)  
Tel: +55 21 3797 6400

### São Paulo

José Antonio Llorente  
Sócio Fundador e Presidente  
jalorente@llorenteycuenca.com

Alameda Santos, 200 – Sala 210  
Cerqueira Cesar. SP 01418-000 (Brasil)  
Tel.: +55 11 3587 1230

### Santo Domingo

Alejandra Pellerano  
Diretora Geral  
apellerano@llorenteycuenca.com


Avda. Abraham Lincoln  
Torre Ejecutiva Sonora, planta 7  
Tel: +1 8096161975


### ÁSIA


#### Beijing


Sergi Torrents  
Diretor Geral  
storrents@grupo-11.com


2009 Tower A. Ocean Express  
N2 Dong san Huan Bei Road, Chaoyang District  
Beijing (China)  
Tel: +86 10 5286 0338


 Site corporativa  
[www.llorenteycuenca.com](http://www.llorenteycuenca.com)

 Blog corporativo  
[www.elblogdellorenteycuenca.com](http://www.elblogdellorenteycuenca.com)

 Twitter  
<http://twitter.com/llorenteycuenca>


 YouTube  
[www.youtube.com/LLORENTEYCUENCA](http://www.youtube.com/LLORENTEYCUENCA)

 Centro de Ideias  
[www.dmasillorenteycuenca.com](http://www.dmasillorenteycuenca.com)

 Revista UNO  
[www.revista-uno.com](http://www.revista-uno.com)

 LinkedIn  
[www.linkedin.com/company/llorente-y-cuenca](http://www.linkedin.com/company/llorente-y-cuenca)

 Facebook  
[www.facebook.com/llorenteycuenca](http://www.facebook.com/llorenteycuenca)

 Slideshare  
[www.slideshare.net/LLORENTEYCUENCA](http://www.slideshare.net/LLORENTEYCUENCA)



A d+i é o Centro de Ideias, Análise e Tendências da LLORENTE & CUENCA.

Porque estamos testemunhando um novo modelo macroeconômico e social. E a comunicação não fica atrás. Avança.

A d+i é uma combinação global de relacionamento e troca de conhecimentos que identifica, se concentra e transmite os novos paradigmas da comunicação a partir de uma posição independente.

A d+i é um fluxo constante de ideias que adianta os avanços da nova era da informação e da gestão empresarial.

Porque a realidade não é preta ou branca existe d+i LLORENTE & CUENCA.

[www.dmasillorenteycuenca.com](http://www.dmasillorenteycuenca.com)

**d+i** LLORENTE & CUENCA